

Espaços de memória e de apagamento

João Gabriel Priolli

O assassinado de George Floyd, homem negro, por um grupo de policiais brancos, desencadeou ecos de protesto em várias partes do mundo. Em Bristol, cidade portuária do Reino Unido, manifestantes arrancaram do pedestal e atiraram no rio próximo dali a estátua do comerciante e mercador de escravos Edward Colston. Figura simbólica do mercantilismo inglês nos séculos XVII e XVIII, Colston foi membro do parlamento inglês e possui outras homenagens espalhadas pela mesma cidade. Nos dias seguintes, em meio a protestos antirracistas e de solidariedade ao movimento norte americano Black Lives Matter, outras estátuas foram derrubadas mundo afora. Não é a primeira vez que homenagens a figuras ligadas ao escravismo ou a genocídio de populações africanas e ameríndias se tornam alvos de manifestantes. Como símbolos que são, as estátuas tornam-se objeto de culto e também de revanche nesses contextos.

Muitas páginas foram escritas, no Brasil e no mundo, sobre a preservação da história e de memória consolidada em monumentos. Um debate se formou entre especialistas e pessoas comuns sobre a manutenção dos heróis e símbolos nacionais. Reparação histórica. Luta pela memória e contra o seu apagamento. Questionamentos sobre representatividade e pertencimento. Cada estátua que cai parece reafirmar o sentido político da história, como processo vivo e em constante reescrita.

No Brasil e em especial em São Paulo, rapidamente nos lembramos das estátuas e de toda a iconografia dos bandeirantes espalhada pela capital e pelo interior do estado. No entanto, ainda que tenhamos convivido com uma brutal relação escravista com as populações trazidas da África ao Brasil, os símbolos dessa história estão mais disfarçados. Não há grandes estátuas de senhores de engenho ou cafeicultores espalhados pela cidade. Ainda que figurem como nomes de ruas de bairros tradicionais da capital como Higienópolis, Campos Elíseos e os Jardins, as homenagens ao passado escravista são tímidas. Não que desejássemos celebrar este aspecto específico da nossa história, mas se comparado à versão elogiosa que fazemos dos bandeirantes, percebemos que o mesmo não se passa em relação à história da escravização. Neste caso o que marca é o silêncio e o apagamento. Como se pudéssemos superar pelo esquecimento.

Alguns monumentos em São Paulo celebram o passado indígena da cidade. Representações romantizadas do índio, resquícios de uma leitura do século XIX que marcou as ruas de São Paulo nas reformas urbanas do começo do século XX. No entanto, as populações africanas que construíram a história e a prosperidade da metrópole não possuem quase nenhuma homenagem pública. As exceções são os abolicionistas André Rebouças, cujo nome é lembrado na avenida que liga a região da Paulista ao rio Pinheiros, e o Engenheiro e Geógrafo negro Teodoro Sampaio, nome de rua também no bairro de Pinheiros. Uma ou outra homenagem vem se somando, de maneira tímida é verdade, nos espaços públicos da cidade. Em 2016, a prefeitura instalou uma estátua em homenagem a Zumbi dos Palmares na praça Antônio Prado. A escolha do local é cheia de simbolismo e apagamento. Ali ficava a Igreja do Rosário do Homens Negros, demolida e removida pela prefeitura da cidade em 1901, dando lugar à reforma urbana e ao progresso cafeeiro.

História muito diferente é a do monumento em homenagem ao abolicionista e advogado negro, Luiz Gama. Figura chave na luta pela abolição no Brasil, tanto Gama como o monumento são registros da resistência negra e de seu apagamento na memória e no espaço público. Você conhece essa figura? Sabe onde está a homenagem?

Localizada no largo do Arouche, a homenagem a Luiz Gama traz a seguinte epígrafe: "Por iniciativa do Progresso, homenagem dos pretos do Brasil". Progresso aqui não é a mesma noção opressora do dístico positivista da bandeira nacional. Progresso era o nome de um dos vários jornais da comunidade negra da primeira metade do século XX. Comunidade essa que se mobilizou para fazer uma homenagem a esta figura central na luta abolicionista do Brasil, erguendo uma estátua em sua memória em 1931. A iniciativa veio do povo e não da municipalidade. É também simbólico que a estátua tenha em si uma história de luta e representatividade, assim como seu homenageado.

Geraldo Filme, grande compositor e intérprete, escreveu muito da história dos negros de São Paulo em seus sambas. A maioria das músicas é desconhecida do grande público. Enquanto Adoniran Barbosa é um símbolo do samba na cidade, Geraldo vai ficando cada vez mais apagado. Ele também narrou o apagamento dessas histórias e a apropriação dos espaços das populações negras de São Paulo pelo crescimento urbano e "o tal do progresso". Foram seus temas de pesquisa e luta através do samba.

Deixo aqui um material em "Power Point" que preparei em outro momento para usar em sala de aula sobre Luiz Gama, pela narrativa de seu cortejo fúnebre, evento que mobilizou São Paulo em 1882, contada por uma pesquisadora que lhe fez uma biografia. Deixo também um link para uma gravação onde Geraldo Filme conta sobre suas composições, sua história de vida, a história do samba e dos negros em São Paulo.

Entrevista de Geraldo Filme ao programa Ensaio da TV Cultura:

<https://www.youtube.com/watch?v=NvoQ5s6v9XU&t=175s>